Globethics Repository



O diálogo como resposta [Dialogue as an Answer]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Fariñas Dulce, Maria José
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-09 02:29:57
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163110

heterodoxa e apenas praticada. Esta é uma face das duas religiões. A outra é que muitos dos homens e mulheres que lideram a luta pelos direitos humanos pertencem a essas religiões e têm uma motivação religiosa na referida luta.

O DIALOGO COMO RESPOSTA
Por Maria José Fariñas Dulce

María José Fariñas Dulce, professora de Filosofia de Direito da Universidade Carlos III de Madrid escreveu a resenha que aqui publicamos, sobre o livro de Juan José Tamayo-Acosta ***Fundamentalismos e diálogo entre religiões****. Madrid: Trotta, 2004.*

Em artigo publicado no jornal ***El Correo***, parafraseando o teólogo Juan José Tamayo, eu dizia que "correm maus tempos para o laicismo". Poderia dizer agora eufemisticamente, em alusão a seu interessante livro ***Fundamentalismos e diálogo entre religiões***, que "correm bons tempos para os fundamentalismos", já que assistimos, nos últimos anos, a sua perigosa expansão pelo mundo inteiro.

Encontramo-nos diante de um livro oportuno e pedagógico por sua temática, interessante e enriquecedor pela contribuição de conhecimentos e lúcidas análises, e, ao mesmo tempo, comprometido e valente, como toda a obra de Juan José Tamayo. Sua leitura nos permite comprovar o auge tão espetacular que os *fundamentalismos* estão tendo em nossas sociedades no começo do século XXI. O autor mostra, sob uma perspectiva analítica, mas também crítica, os diferentes tipos de fundamentalismos existentes, desde o religioso, o político e o cultural, passando pelo, não menos importante, fundamentalismo econômico ou de mercado. Além disso, é de se agradecer, que ele nos ilustre com uma análise do próprio termo "fundamentalismo", precisamente agora que ele tem-se introduzido na cotidianidade de nossas diferentes linguagens. O termo "fundamentalismo" tem uma origem perigosa, já que surgiu no seio do protestantismo evangélico na segunda metade do século XX, nos EUA. Mas como fenômeno socioistórico, todo fundamentalismo consiste, diz Tamayo contundentemente, "na absolutização de uma verdade, religião, cultura, etc., que se pretende impor, inclusive recorrendo à força, como a única e universalmente válida" (p. 17).

Os elementos centrais da primeira parte de ***Fundamentalismos e diálogo entre religiões*** se centram na análise detalhada dos dois tipos de fundamentalismos que Tamayo considera que exercem, atualmente, um domínio mais absoluto: o fundamentalismo religioso e o fundamentalismo econômico.

O fundamentalismo religioso se enquadra no que poderíamos denominar um retrocesso no processo histórico de secularização da sociedade ocidental moderna ou no que Salvador Giner denomina "processo de *desecularización*"[2]. Parece que o denominado "processo de secularização" do mundo moderno não tem sido tão inevitável e totalizador como nos fizeram acreditar. Ao contrário, não só estamos assistindo, nas últimas décadas, a uma "pós-modernizada" restauração de todas as religiões institucionais (islã, judaísmo, evangelismo, hinduísmo, confucionismo, budismo…) e ao surgimento de um sem fim de novos movimentos religiosos ou espirituais de diferente caráter - senão que assistimos agora à inversão mesma do processo de secularização. Estaríamos diante de uma renovada "consagração do profano" ou sacralização das realidades terrenas ou, como Tamayo diz, diante de "o retorno dos deuses e das deusas", tema ao qual dedica um extenso capítulo da obra. Isso se evidencia

[2] Salvador GINER, *Carisma y razón. La estructura moral de la sociedad moderna*. Madrid: Alianza Editorial, 2003

especialmente em uma renovada e inquietante presença da religião nos âmbitos leigos da vida pública e política, com uma crescente contribuição das crenças religiosas privadas na ética política e na ética dos negócios.

Tamayo analisa muito inteligentemente o fundamentalismo religioso sob a perspectiva das três religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islã) e nesses três âmbitos identifica suas características comuns: "rechaço à mediação hermenêutica, renúncia à linguagem simbólica, opção pela linguagem bíblica realista, recurso à violência em determinadas ocasiões, condenação da Modernidade, concepção milenar da história, linguagem dualista, absolutização da tradição e mentalidade dogmática" (cap. III). O fundamentalismo religioso conduz a posições dogmáticas e imobilistas, que quase sempre provocam situações de enfrentamento e de divisão entre religiões e culturas.

O fundamentalismo econômico é focado pelo autor sob uma perspectiva inovadora e muito interessante, a perspectiva da criação de uma nova religião universal: a religião do mercado (cap. IV). Esta nova religião universal conta com seu próprio credo, seus textos canônicos, seus próprios valores universais, seus próprios teólogos e sua própria ideologia: a ideologia neoliberal do mercado. Nunca uma religião foi capaz de estender tão universal e eficazmente seu credo como o fez a religião do mercado. Mas, o autor vai além e considera que a atual ideologia neoliberal, que se apoderou do funcionamento do capitalismo, tem dado lugar a uma globalização dos mercados, caracterizada por seu totalitarismo e seu fundamentalismo. Conduz a um determinismo econômico, que nega a possibilidade de alternativa alguma, ao mesmo tempo que constrói a realidade em função de seus interesses econômicos de classe.

Na segunda parte do livro, Tamayo coloca em cena a proposta mais interessante e nuclear: o "diálogo inter-religioso e intercultural" como fio condutor de um novo paradigma teológico e como base para uma "aliança de civilizações", que possam garantir a paz e o progresso compartido. O "diálogo entre religiões" é apresentado como um novo horizonte, entre outros, para a construção de um "novo paradigma teológico"[3]. Conforme o autor, as religiões se encontram em uma situação privilegiada para promover o "diálogo inter-religioso e intercultural" frente aos que se empenham na defesa do "choque de civilizações" e do conflito maniqueísta entre culturas, que não é mais do que um meio para impor, de novo, uma cultura única e hegemônica como instrumento unilateral de dominação. Tamayo se mostra inflexível com as teses integristas e xenófobas, que alentam o enfrentamento ou a guerra de religiões e culturas.

Frente a toda postura integrista, dogmática ou fundamentalista, que nega ou, inclusive, criminaliza os diferentes, propõe uma ética da alteridade e do diálogo. Uma estratégia "dialógica" frente às estratégias "dialéticas" de enfrentamento entre uns e outros, entre religiões, culturas ou cosmovisões diferentes. Uma estratégia de "reconhecimento" e de "aceitação" dos "outros", da "alteridade", da "diferença" e do "pluralismo"; de compreensão, de integração e de abertura autocrítica, porque nenhuma religião ou cultura tem sido, nem pode ser, única, fechada ou pura.

"Diálogo inter-religioso e interculturalidade" são as palavras-chave na interessante e utópica proposta que Juan José Tamayo realiza neste livro, mas, além disso, para os que o conhecemos e acompanhamos sua obra, constitui o *leit motiv* de todo seu amplo, intenso e comprometido labor intelectual. Basta tão só um exemplo: a dedicatória do presente livro: à Plataforma para o Diálogo Inter-religioso de Madri, que reúne cerca de 50 tradições espirituais,

[3] Os horizontes deste "novo paradigma teológico", proposto por Tamayo, são os seguintes: o *intercultural*, o *inter-religioso,* o *hermenêutica,* o *feminista,* o *ecológico*, o *ético-prático*, o *utópico, o anamnético, o econômico, o das ciências das religiões* e o *simbólico*, mediante os quais se pode desarticular todo possível dogmatismo. Conferir Juan José TAMAYO, *Novo paradigma teológico*, Madrid, Trotta, segunda edição revisada, 2004.

religiosas e leigas. O “diálogo inter-religioso” comporta uma atitude recíproca e solidária para com a construção de um novo “consenso” universal, com base no pluralismo religioso e cognitivo. Pretende-se, pois, encontrar um ponto de unidade da e com a diversidade, isto é, um ponto de encontro, sem marginalizar nem inferiorizar o diferente, porém reconhecendo a validade moral das diferentes éticas religiosas.

Como exemplo de diálogo possível ou, inclusive, de ”aliança de civilizações”, Tamayo expõe uma série de linhas básicas para abrir um diálogo entre cristianismo e islã (cap. VII), além dos estereótipos e das ignorâncias mútuas. Propõe buscar pontos de encontro e heranças comuns entre ambas as concepções religiosas e promove a construção de uma teologia cristã e muçulmana da libertação, baseada em três campos compartidos: a idéia de um Deus da paz, a busca de uma ética libertadora e a hermenêutica de gênero. Ao mesmo tempo, denuncia o medo da atual hierarquia da Igreja Católica ao diálogo inter-religioso (cap. VIII), que supõe uma severa regressão no caminho ecumênico aberto no Concílio Vaticano II, e duras condenas aos teólogos católicos que trabalham em prol de um diálogo ecumênico e libertador. O ponto álgido de dita regressão foi alcançado no ano 2000 com a declaração *Dominus Iesus*, da Congregação para a Doutrina da Fé, que, na opinião de Tamayo, cai no fundamentalismo, quando apresenta uma concepção reducionista e caricaturesca do diálogo entre religiões, negando a possibilidade da existência de equivalentes funcionais nas diferentes concepções religiosas.

A “interculturalidade” nos remete à transversalidade da cultura. Além da mera justaposição de culturas ou religiões, expostas, às vezes, como figuras decorativas nas vitrinas de um museu, Tamayo advoga pela comunicação entre culturas, religiões e cosmovisões diferentes. A “interculturalidade” é um conceito relacional, que nos remete a conviver e interatuar com a pluralidade do mundo, constatando a enriquecedora mestiçagem e a inevitável contaminação das pretendidas religiões ou culturas “puras”, exclusivas e excludentes.

É inegável a dimensão utópica e libertadora destas propostas e, inclusive, poderiam parecer inalcançáveis. Mas, por que não? Além disso, o “diálogo inter-religioso e intercultural” não deve constituir simplesmente uma meta longínqua, e sim uma tarefa constante e construtiva de um mundo melhor, mais ainda, um imperativo categórico que compromete os crentes das diversas religiões e os não-crentes das diferentes ideologias. Juan José Tamayo, com sua extensa e intensa obra, nos convida a caminhar nesse sentido, seguindo a mensagem do poema de Jorge Debrav: "Hoje encontrei um homem caminhando! Sem se apoiar em ninguém, caminhando. Sem que houvesse caminho, caminhando. Como se tudo o estivesse chamando, caminhando. Como se não quisesse chegar tarde, caminhando".

(Voltar ao índice)

EVENTOS IHU

IHU oferece intensa programação em 2005

O Instituto Humanitas Unisinos preparou uma vasta programação de eventos e atividades para o ano que se inicia. A seguir, apresentamos aos leitores uma série de matérias, detalhando as principais atividades do primeiro semestre de 2005. As referidas informações estão disponíveis no sítio www.ihu.unisinos.br *Leia semanalmente nas edições do boletim* ***IHU On-Line*** *entrevistas exclusivas com os palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU.*